

DA-SEIN E LIBERDADE EM HEIDEGGER

Da-sein and freedom in Heidegger

Carlos César Santos Silva¹

RESUMO

Este artigo busca discutir a filosofia de Martin Heidegger no que tange ao tema *Da-sein* e a liberdade a partir da obra *Ser e Tempo*. A apresentação de nossa pesquisa se dá de modo a compreender o tema do sentido do ser e sua estrutura ontológica a fim de apreender a questão do ser como abertura de um poder-ser compreensivo. Num momento posterior a esse retomamos a estrutura ontológica do ser a partir do horizonte da temporalidade, que se demonstra como o horizonte no qual o sentido do ser se dá. Em seguida tratamos da liberdade do ser no mundo, que é *Da-sein*, como um poder-ser livre e responsável que assume o seu projeto de ser no seu modo de ser mais próprio, ser-para-morte. O *Da-sein* livre vai se mostrar como aquele que assume a sua possibilidade mais própria e se responsabiliza pelo seu projeto de ser.

Palavras-chave: Da-sein. Ser. Mundo. Angústia. Liberdade.

ABSTRACT

This article seeks to discuss the philosophy of Martin Heidegger regarding the theme of da-sein and freedom from the work *Being and Time*. The presentation of our research is made to understand the meaning of being and its ontological structure to grasp the question of being as the opening of a comprehensive being-there. After that, we resume the ontological structure of being from the horizon of temporality, which is shown to be the horizon in which the meaning of being takes place. Next, we deal with the freedom of being in the world, which is da-sein, as a free and responsible being-there that assumes its project of being in its most proper way of being, being-for-death. The free da-sein will show itself as the one that embraces its most proper possibility and takes responsibility for its project of being.

Keywords: Da-sein. Being. World. Anxiety. Freedom.

INTRODUÇÃO

Desde Aristóteles pergunta-se o que é o homem; o que é o ser; em que consiste o tempo; o que seria a liberdade humana. Essas inquietações nos movem a pensar, repensar e reinterpretar nosso ser e tudo o que está em relação conosco. Heidegger em 1927 nos traz sua obra prima: *Ser e Tempo*, que além de demonstrar um profundo conhecimento da história da filosofia, desde Parmênides até Hegel, nos presenteia com uma nova possibilidade de pensar o ser, que nós sempre somos. *Ser e Tempo* é a obra sobre a qual

¹ Licenciado em filosofia pelo Instituto Católico de Estudos Superior do Piauí - ICESPI.



este discurso que realizaremos está fundado, iremos colocar aqui uma compreensão dos termos fundamentais dessa obra visando tão somente uma aproximação compreensiva do da-sein² e liberdade.

Iremos expor a estrutura ontológica compreensiva que chamamos da-sein, a partir da elucidação da questão sobre o ente humano, pois é esta estrutura ontológica que faz com que este ente, que somos, seja humano. Esta estrutura só é possível em um ser que é e estar “aí”, ou seja, no mundo. Este mesmo ser só é possível enquanto temporalidade - o horizonte no qual o ente humano antecipa-se; compreende-se, escolhe e assume a responsabilidade de ter de ser.

O texto que apresentamos segue um movimento estruturado a partir da compreensão do sentido do ser; dos modos de ser; do tempo enquanto sentido do ser-no-mundo e da liberdade do da-sein como consequência de uma determinação ontológica que o da-sein sempre carrega consigo: ser um ser de possibilidades (ser o seu poder-ser). Por fim, como conclusão, faremos uma breve reflexão sobre a liberdade do da-sein e a contemporaneidade perseguindo o desejo de demonstrar que ela é atual e de extrema importância na compreensão dos fenômenos que ocorrem na sociedade hodierna, bem como, problematizar a necessidade de promover no homem moderno uma busca pela propriedade no poder-ser; uma busca por uma liberdade ontológica e por conseguinte, de uma responsabilidade que cada da-sein tem e deve assumir por seu projeto de ser-no-mundo.

O porquê da repetição da questão do ser

O primeiro momento de nosso texto responde a seguinte questão, que nos serve como contextualização: Porque repetir uma questão que há dois milênios e meio é objeto do pensar humano? No primeiro parágrafo de *Ser e Tempo*, Heidegger justifica o porquê de sua pesquisa sobre o sentido do ser. Em suas palavras, “[...] o que outrora, num supremo esforço de pensamento, se arrancou aos fenômenos, encontra-se, de há muito, trivializado. E não é só isso. No solo da arrancada grega para interpretar o ser, formou-se um dogma que não apenas declara supérflua a questão sobre o sentido do ser como lhe sanciona a

² No presente trabalho lidaremos com a palavra Da-sein e junto dele com a tradução de Márcia de Sá Cavalcante que traduz Dasein com a palavra pre-sença, que pode ser entendida como ser-aí; ser-no-mundo; ser mundano; em todos estes termos estamos dizendo da-sein. Da-sein se diz da determinação ontológica que faz com que o ente, que nós mesmo somos, perceba e pergunte o seu ser, e o ser dos entes que estão em torno de si, sobre o sentido de ser.



falta.” (HEIDEGGER, 1999, p. 27). A formação de dogmas sobre a compreensão do ser e do seu sentido; a quietude de não se perguntar mais sobre seu sentido; de nem sentir mais a falta de uma resposta a questão do ser; e sobretudo a ausência de uma pergunta sobre o sentido do ser, move e dá folego a pesquisa de Martin Heidegger.

Apresentamos a questão do ser partindo da primeira seção de *Ser e Tempo*, introduzindo as compreensões fundamentais desta obra que são necessárias na construção do nosso discurso, como por exemplo responder a questões como: o que são entes? Qual seria o modo de ser dos entes carentes de mundo? No que consiste esta carência? Quais são os modos de ser dos entes dotados de mundo? O que significa ser dotado de da-sein? Por que só os entes mundanos existem? Por que Heidegger considera salutar a necessidade de uma destruição positiva da tradição? A que tradição ele se refere? Por que o da-sein só é possível na temporalidade? Por que o fenômeno da angústia se apresenta como o despertar do ser para sua possibilidade mais própria? No que consiste a fenomenologia heideggeriana?

Todo o estudo de Heidegger em ser e tempo tem como método uma fenomenologia hermenêutica, porque busca “Deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo.” (HEIDEGGER, 1999, p. 65). No sentido de desvelar o sentido do ser.

Heidegger, assim guiado metodologicamente, sente a necessidade de colocar o sentido do ser não mais como sinônimo de imutabilidade e rigidez, mas de dinâmica e jogo consigo mesmo e com o mundo circundante que mantém relação com ele. O filósofo identifica que a tradição foi aos poucos tirando a autenticidade do da-sein impedindo que ele (o da-sein) guie a si mesmo e perfaça seu caminho construindo o seu ser mais próprio que no tempo encontra seu sentido e sua finitude. É certo afirmar que tradição, aqui mencionada, significa história da filosofia ocidental. O da-sein num primeiro momento poderia ser caracterizado como a determinação ontológica que faz com que o ente, que nós mesmo somos, perceba e pergunte o seu ser e o ser dos entes, que estão em torno de si, sobre o sentido de ser. Aqui, foi justo pôr as primeiras considerações que o autor dispõe sobre o ser e o ente.

O ser tanto precede o ente como antecipa. Ele está sempre em relação com o ente, sendo que sem ente a existência do ser seria impossível e o inverso é de igual modo



verdadeiro. Não existe, pois, uma subordinação, mas uma recíproca relação ontológica.

Estando numa sala, poderíamos observar que ente é a cadeira em que sentamos; o quadro em que escrevemos; e nós mesmos, nós somos entes. O ser é o “fundamento” do ente. É o ser o guia do ente, ele tanto o precede como o antecipa. Ser se diz do horizonte em que o ente se ilumina, o ser dá significado ao ente. Existem, pois, dois tipos de entes: os intramundanos carentes do da-sein, de mundo, e os entes mundanos, que somos nós mesmos, dotados de da-sein. Esse ente, que nós mesmo somos, é dotado de da-sein e este “sempre se compreende a si mesmo a partir de sua existência, de uma possibilidade própria de ser ou não ser ele mesmo.” (HEIDEGGER, 1999, p. 39, modificado). A existência nesse sentido seria o conjunto de relações entre o ser e o da-sein. Este não é mais sinônimo de essência como a metafísica afirmava, mas a dinâmica que difere; particulariza e privilegia o homem, pois, só o homem existe e em sua existência, pode compreender-se em seu ser, sendo.

A estrutura ontológica que dizemos da-sein só acontece no tempo, este que para a tradição grega era “considerado um ente entre outros.” (HEIDEGGER, 1999, p. 55), para Heidegger se torna o “horizonte de toda a compreensão e interpretação do ser.” (HEIDEGGER, 1999, p. 45). Dessa maneira, o tempo é ocasião de existência do ser do da-sein, pois este, só acontece no tempo, que pode ser vivenciado no modo próprio ou impróprio. Aqui, faz-se necessário entender que só no fenômeno da angústia o da-sein encontra sua possibilidade de ser mais própria: ser-para-a-morte.

Temporalidade e da-sein

Talvez a primeira indagação que nos vem quando ouvimos a palavra tempo seja: o que é o tempo? É precisamente nesta intuição onde se encontra o maior erro metodológico, caso adotemos uma leitura heideggeriana: entificar o tempo, isto, foi o que Aristóteles fez; colocando-o como a mera percepção que temos do movimento; como um trilho “fora” do homem; como um ente infinito. Martin Heidegger, mesmo que por vezes entre em diálogo com Aristóteles, apresenta o tempo não como coisa, a partir da pergunta o que é? Mas, sobretudo como sentido do da-sein. Logo, o tempo é um fator que possibilita não só a construção dos projetos humanos, mas principalmente um fator que possibilita a existência do próprio da-sein que tem nele parte da sua estrutura fundamental.

O tempo vulgar é o tempo do relógio, quando falamos que as três horas da tarde iremos passear num museu, estamos experimentando o tempo impróprio e vulgar. Toda a tradição considerou o tempo como linear, como uma linha de trem sobre a qual o homem existe sem ponto de chegada ou de partida, constituído por um passado que já não é; em um pre-sente inalcançável e um futuro que ainda não é. Em Heidegger vemos que o tempo é o tempo de cada da-sein que no fenômeno de decisão antecipa-se; projeta-se e assim pode compreender seu próprio ser, nisto, consiste o sentido do ser. Dito isto, sem o tempo não é possível compreender ser, sendo.

O tempo originário que Heidegger compreende é composto pela unidade de três *ekstases*³: *porvir* que significa que o da-sein está sempre vindo a si e é por ser porvindouro que ele pode compreender-se. *O vigor de ter sido*, aqui, o da-sein não compreende como passado algo que está acabado, mas como algo que ainda está presente, porque sempre foi e ainda vigora. E a *atualidade* própria em que em vez do fenômeno do “agora”, que a tradição coloca como o momento em que algo se faz, Heidegger destaca o fenômeno de instante em que nada pode acontecer. Esse tempo originário seria o fenômeno próprio do da-sein. Estes três momentos são unificados enquanto temporalidade: o ser no atualizar do *vigor de ter sido* e no *porvir*.

Diante da temporalidade originária pode surgir o questionamento: por que o tempo do da-sein não pode ser concebido nos conceitos aristotélicos de passado, presente e futuro? A argumentação ontológica de Heidegger se dá de modo a compreender que se assim considerarmos o tempo, este seria apenas um ente que é um ser simplesmente dado. Destarte, o da-sein não seria ontológico, e seu ser seria um ser simplesmente dado, que não compreenderia o seu próprio ser. O modo do da-sein experimentar a temporalidade imprópria o faz decair no mundo das ocupações e ao mesmo tempo o priva da abertura que o fenômeno da angústia pode descortinar ao seu ser. Na temporalidade imprópria o da-sein exerce uma liberdade ôntica por ter de ser sempre um poder-ser-livre, entretanto não experimenta, seu modo de ser mais originário, ser-para-a-morte.

Todas as derivações e modos de ser deficientes são derivados do tempo originário e tem nele o seu o seu fundamento. É a partir do tempo originário e finito que se deriva o

³ Temporalidade *ekstática* se diz de um tempo aberto que está sempre saindo, sempre lançado no mundo. Aqui se encontra a distinção entre o tempo vulgar e o tempo próprio, o tempo da pre-sença é sempre abertura; luminosidade; clareira. De mundo algum é tempo rijo; condicionado ao espaço; de modo algum é “coisa”.



tempo impróprio e infinito. Com esta análise da estrutura ontológica do da-sein, a luz da temporalidade, compreendemos que a visão que orienta o da-sein em sua existência é sempre a temporalidade; a temporalidade é sempre seu sentido e sua direção que dá ocasião de existência ao ser do da-sein. Assim, podemos compreender o que a expressão ser é tempo quer nos comunicar; além de compreender que o da-sein, sendo tempo, é também liberdade em se assumir a si e a seu projeto de existência de forma a responsabilizar-se pela sua própria existência.

No extraordinário romance: *O Retrato de Dorian Gray*⁴, de Oscar Wilde, podemos ilustrar porque o da-sein tem a tendência de decair no mundo das ocupações e de fugir do seu fundamento e da compreensão de si mesmo. No romance que acima indicamos, Dorian é um jovem que aparentemente não envelhece e que leva uma vida de muito luxo e prazer; entretanto, há um quadro em que o seu ser mais próprio é demonstrado - com uma figura de si mesmo - horrenda e cadavérica. No intuito de fugir de si mesmo, ele cobre tal quadro com um véu, que evitava que Dorian tivesse acesso ao sentido do seu ser - este véu pode ser entendido como o mundo das ocupações e o tempo impróprio.

Só no fim do romance, Dorian reconhece o seu ser como ser-para-morte e experimentando o tempo originário compreende que independente de seus atos e de suas escolhas, o fundamento do seu ser será sempre o nada; e a responsabilidade do seu projeto de ser será sempre sua. Nesta síntese, podemos compreender que o da-sein assumindo o seu projeto de ser a partir do horizonte temporal; assume de igual maneira, o preço de ser o seu poder-ser mais originário. Tal preço, se diz da solidão existencial; da estranheza que cada da-sein experimenta a partir da compreensão de si; ver o mundo que o rodeia perder a significância; a aridez de ser sua possibilidade mais própria se diz da estranheza de não se sentir em “casa” no mundo e na relação consigo mesmo. Só compreendendo que ser é tempo, podemos compreender que ser é liberdade de poder-ser.

No romance também nos inquieta, bem como no pensamento heideggeriano, o porquê Dorian tende sempre a viver na perdição do mundo e a fugir do seu poder-ser mais próprio; dessa maneira “chamamos de fuga de si mesmo o fato do da-sein de-cair no impessoal e no ‘mundo’ das ocupações.” (HEIDEGGER, 1999, p. 249, modificado).

⁴ Único Romance de Oscar Wilde publicado pela primeira vez de forma reduzida em relação a versão atual em 1890; que tem centralidade no dualismo do protagonista Dorian Gray, que tem no desenrolar do romance atitudes hedonistas e conservadora; em Dorian está o céu e o inferno; a juventude e a morte; a felicidade e a angústia de viver uma vida inautêntica.

Dorian foge e decai no impessoal por ver no quadro sua imagem de forma cadavérica. Compreendemos que desde sempre ele sentia que seu modo de ser mais próprio não era a perdição no mundo da ocupação, entretanto, o horizonte da morte o aterrorizava e ele acabava cobrindo o quadro; velando o seu ser e fugindo do nada de seu fundamento. Dorian vive boa parte da trama escravo do mundo das ocupações e a cada vez que comete um delito vê em sua pintura um distanciamento cada vez maior do seu ser, torna-se, para si mesmo, cada vez menos tragável a imagem do seu ser impressa no quadro. E o véu é sempre recolocado no quadro, a fim de tentar esquecer-se de si mesmo.

Dorian foge porque tem medo do fundamento do seu ser, o nada. O medo do nada constitui para o da-sein o porquê mais significativo da sua fuga em relação a sua possibilidade mais própria. O ente humano angustia-se com a o horizonte do seu fundamento e a todo momento busca esquecer seu modo mais originário quando se entrega ao mundo das ocupações. A morte, neste contexto, representa para ele a totalidade e a ‘finalidade’ do seu ser, ser-para-a-morte e, portanto, ser-para-nada. “Costuma-se dizer: é certo que ‘a’ morte vem. Diz-se impessoalmente e o impessoal desconsidera que, para poder ter certeza da morte, o próprio da-sein deve ter certeza de seu poder ser mais próprio e irremissível.” (HEIDEGGER, 2000, p. 39 modificado). Quando tratamos a morte no impessoal ela nunca é nossa, sempre é dos outros. Dorian foge porque vê a sua finitude naquele quadro; e independente de suas ações, seu fundamento, mesmo que velado, será o nada.

Só experimentando o fenômeno da angústia, Dorian compreende o sentido do seu ser; compreende que é finito; que é ser-para-a-morte e que é responsável pelo seu projeto de ser. A verdade do ser provocada pelo desvelamento do da-sein, no fenômeno da angústia, faz com que este assuma o seu fundamento e sinta o abismo que é ser-no-mundo. A verdade do ser do da-sein é o fator que possibilita a ele exercer uma vida na propriedade e verdade de ser um ser-lançado do nada, na existência, e em direção ao nada nadificante da morte.

Nas últimas páginas do romance, Dorian relata que, ele “mataria o passado e quando o passado estivesse morto, ele estaria livre. Ele a agarrou [a faca que havia golpeado Hallward] e esfaqueou a tela com ela, rasgando a coisa de cima a baixo.” (WILDE, 2012, p.131). Dorian assume a liberdade ontológica quando assume seu ser mais



próprio; olhando a imagem, Dorian aceita que aquela é a imagem mais própria de seu ser. Estar livre é assumir-se enquanto ser-para-morte; é também assumir sua responsabilidade por sua historicidade; o homem que assume a morte como parte estrutural do seu ser, em Heidegger, é livre e responsável.

Liberdade do da-sein como poder-ser: sua essência e limites

Com o que desenvolvemos no primeiro momento (a retomada da questão do ser) e segundo (a temporalidade), tivemos, então, os elementos para pensar e desenvolver o último e terceiro momento de nosso texto: a liberdade como poder-ser. Nesse horizonte, nos ficou certo, que a compreensão da liberdade do ente privilegiado só é possível a partir do ser do da-sein e do tempo. Este ser que neste ente sou eu mesmo “está sempre em jogo”. (HEIDEGGER, 1999, p. 77), e lançado na liberdade de poder-ser. O ser do da-sein tem a existência como determinação, porque “a essência deste ente está em ter de ser.” (HEIDEGGER, 1999, p. 77). E isso até na recusa mais radical do ser, em ter-de-ser: a morte. Esta é a possibilidade mais própria e privilegiada, da qual não podemos fugir. Ele - o da-sein - é fundamentalmente ser-para-a-morte.

Heidegger chama a morte como a possibilidade mais própria da qual não podemos fugir. Ela é a possibilidade que faz com que o da-sein não esteja mais pre-sente. É possibilidade privilegiada, porque só um ser que existe pode ontologicamente morrer. Ele é fundamentalmente ser-para-a-morte; e este não é apenas um facto que irá ocorrer “no fim”, mas é parte integrante do seu ser que está no “ai” do mundo.

A reflexão sobre o ente humano em nosso autor sempre terá como “premissa” este fato que estamos e sabemos que estamos lançados do nada na existência e em direção ao nada. Por ser uma determinação, a existência dá ao ser do da-sein uma dinâmica relacional que gera possibilidades para o ente privilegiado, nestas possibilidades está a liberdade do ente privilegiado, pois “o da-sein é sempre sua possibilidade.” (HEIDEGGER, 1999, p. 78, modificado). Neste sentido, a possibilidade só acontece na existência, que é este “durante”, este “tempo” e “local” próprio de cada da-sein, que tem início e fim, embora não sendo linear.

O da-sein em seu existir é um acontecimento; um raio que surge na escuridão e que simplesmente existe, neste durante, neste raiar. A compreensão do da-sein como ser



de liberdade surge da compreensão da sua própria estrutura temporal e finita que decide; que se abre para uma possibilidade e se fecha para as demais. Aqui, valeria dizer que o da-sein não é “coisa” e a liberdade não é um ato; o da-sein é uma estrutura ontológico compreensiva que faz do ente humano, um ente aberto ao mundo e a liberdade uma consequência imediata desta estrutura compreensiva e do poder-ser de cada da-sein. É em estar sempre em jogo que o da-sein perfaz seu caminho existindo.

Sendo o da-sein ser-no-mundo⁵, ele tem em seus modos de ser o cuidado (cura). A liberdade do ente privilegiado na ação exercida na cotidianidade se dá no cuidado com os outros. Heidegger distingue, outro, aqui no cuidado, em entes que não são no modo de ser do da-sein e com os quais nos *ocupamos*, e que somos nós mesmos e com os quais nos *preocupamos*. Podemos ilustrar da seguinte maneira. Um homem que constrói uma casa tem seu modo de ocupação em que está incluído o seu poder-ser que o coloca diante de inúmeras possibilidades de formas e cores em sua construção. Aqui, estamos diante do fenômeno da ocupação. Já a preocupação é a “ocupação” de um da-sein com outro. É importante frisar que a ocupação e a preocupação são modos de ser do da-sein-cuidado que em seu estar em jogo estruturam o ser-no-mundo. No seu estar em jogo o da-sein não trata estes modos como inferior ou superior; são apenas momentos distintos do ser, que nós mesmos somos, e que em cada um destes momentos apresenta-se um aspecto da liberdade.

O mundo em que o da-sein acontece não se diz de exterioridade e muitos menos de interioridade; não é nem uma exterioridade material; nem uma essência intelectual; mundo é a totalidade em que um da-sein existe e ao mesmo tempo é a constituição fundamental de cada da-sein. Sem mundo não há da-sein e sem da-sein o mundo não seria mundo. Mundo e da-sein são, por assim dizer, estruturas ontológicas co-existentes que fazem parte da estrutura de cada ente privilegiado, que somos nós mesmos.

⁵ O mundo em que o da-sein acontece não se diz de exterioridade e muitos menos de interioridade; não é nem uma exterioridade material; nem uma essência intelectual; mundo é a totalidade em que um da-sein existe e ao mesmo tempo é a constituição fundamental de cada da-sein. Sem mundo não há da-sein e sem da-sein o mundo não seria mundo. Mundo e da-sein são, por assim dizer, estruturas ontológicas co-existentes que fazem parte da estrutura de cada ente privilegiado, que somos nós mesmos.



A liberdade do ente privilegiado na ação exercida na cotidianidade se dá no cuidado com os outros. Sendo o da-sein ser-no-mundo, ele tem em seus modos de ser o cuidado (cura), a ocupação e a preocupação. Dentre os três o que tem primazia é sem dúvida a cura. Podemos ilustrar da seguinte maneira. Um homem que constrói uma casa tem seu modo de ocupação em que está incluído o seu poder-ser que o coloca diante de inúmeras possibilidades de formas e cores em sua construção. Aqui estamos diante do fenômeno da ocupação. Já a preocupação é a “ocupação” de um da-sein com outro. É importante frisar que o cuidado, a ocupação e a preocupação são modos de ser do da-sein que em seu estar em jogo estruturam o ser-no-mundo. No seu estar em jogo o da-sein não trata estes modos como inferior ou superior; são apenas momentos distintos do ser que nós mesmo somos e que em cada um destes momentos apresenta-se um aspecto da liberdade.

O da-sein nasce numa circunvisão, e esta, manifesta-se como o horizonte de visão e possibilidades em que o da-sein ocupado vive; decide e exerce sua liberdade, mesmo que imprópria, na cotidianidade de sua existência. Decaimos no mundo da ocupação e na impropriedade, fazendo com que não assumamos o modo de poder-ser mais próprio, e conseqüentemente a responsabilidade de ser sua possibilidade mais própria. Quando um da-sein compra uma bicicleta usando o argumento de que todos compram aquela, na verdade, o que ele busca é a impessoalidade. Existe aqui uma fuga do seu poder-ser e um esquecimento do seu ser.

Só na angústia o da-sein deixa de fugir de si mesmo através das ocupações e preocupações e volta-se para sua própria existência, gerando no da-sein, um sentimento de estranheza do mundo em que habita, como se tudo aquilo com que o ser-no-mundo lida fosse estranho ao seu próprio ser, e mais ainda, como se o próprio da-sein fosse estranho a si mesmo. O véu da aparente familiaridade que acontece no da-sein ocupado é rasgado pela crueza do fenômeno da angústia.

O ser-no-mundo é angustiado por ser ser-no-mundo; não é de modo algum só a ocupação que perde significado quando o da-sein experimenta o fenômeno da angústia; é o próprio ser-no-mundo que angustiado se entrega ao nada de seu ser, e desse modo, sente a estranheza de existir num mundo que já não se lhe apresenta mais como sua casa, tal como Gregor, caixeiro viajante da novela *A Metamorfose*⁶ de Frank Kafk, sente ao

⁶ Clássico da literatura alemã, escrito por Franz Kafk e publicado em 1915, usado neste trabalho como exemplificação da compreensão da angústia como elemento de despertar do ser-no-mundo para o

acordar, num dia comum, transformado em fera, a partir deste momento todas as ocupações, que antes se dedicava com tanto esmero, perdem seu sentido, e no fim da novela, até mesmo sua própria existência se vê angustiada em ser ser-no-mundo; nesta pequena ilustração compreendemos que na angústia o da-sein se angústia por perceber-se da-sein.

Gregor sente-se estranho a si mesmo, este dado é importante para nossa leitura heideggeriana, sentir-se estranho a si e ao mundo a que pertence. O deserto do fundamento do ser causa em Gregor uma estranheza, um desconforto, num primeiro momento ele até tenta fugir desta realidade pensando ser apenas um sonho, e só com muito esforço, e depois de grande fadiga compreende o nada como fundamento do seu ser. O abismo de seu ser. A novela de Kafk começa de seguinte maneira,

Ao despertar de sonhos agitados certa manhã, em sua cama, Gregor Samsa viu-se transformado em um inseto monstruoso. De costas sobre a dura carapaça, ergueu um pouco a cabeça e olhou a barriga marrom proeminente dividida em arcos reforçados, da qual toda a cobertura já havia deslizado para baixo, sem poder puxá-la de volta. Suas muitas pernas, lamentavelmente finas em contraste com a corpulência geral, debatiam-se inutilmente ante seus olhos. O que aconteceu comigo? – pensou. Não estava sonhando. Seu quarto, de fato era um quarto humano, apenas um pouco pequeno demais, estava em ordem entre as quatro paredes bem conhecidas. (KAFKA, 2019, p. 5).

O início da novela, Kafka fala de um despertar, numa manhã como qualquer outra manhã. Este despertar numa leitura de heideggeriana seria o fenômeno da angústia. A angústia revela o ser ao ser, ela desvela o ser e possibilita a este enxergar o abismo de seu fundamento. Descortinar os horizontes do da-sein só é possível a partir deste fenômeno que chamamos angústia. A angústia desnuda o mundo de Gregor, o trabalho, a constante inquietação das atividades que antes realizava sem descanso perde sentido; tudo em sua

fundamento estrutural do seu ser, o nada. Que pode ser desperto a qualquer instante e que diferentemente da novela de Kafk pode acontecer sem a necessidade de uma modificação exterior. A angústia aqui é vista como o acordar do da-sein para a sua possibilidade mais própria.



vida torna-se deserto. A partir do fenômeno da angústia Gregor compreende o nada como fundamento do seu ser e a angústia que é ser-no-mundo. Aqui está o dado mais importante desta novela alemã para o nosso trabalho, Gregor vive quase toda sua vida perdido no mundo da ocupação, experimentando a temporalidade imprópria e de repente angustia-se por ser ser-no-mundo. Aqui, se inicia para Gregor a sua possibilidade mais própria, pois assume que o seu ser é um ser-para-a-morte.

A angústia possibilita que o da-sein compreenda que o fundamento do seu ser é o nada. Nada este que significa o da-sein angustiado e voltado para si mesmo em seu ser. É do seu nada que o da-sein vê sua possibilidade mais própria. É neste nada, onde a cura revela o ser próprio do da-sein. O mundo com a abertura privilegiada proporcionada pela angústia torna-se um lugar hostil. O ser ocupado compreende-se agora como ser-para-a-morte; finito e livre em seu poder-ser mais originário.

Este momento ontológico torna o da-sein livre em seu ser mais próprio, em seu poder-ser, em suas possibilidades. Afim de “ser-livre para a liberdade de assumir e escolher a si mesmo. A angústia arrasta o da-sein para o ser-livre [...], para a propriedade de seu ser enquanto possibilidade de ser aquilo que já é sempre. O da-sein como ser-no-mundo entrega-se, ao mesmo tempo, à responsabilidade desse ser.” (HEIDEGGER, 1999, p. 252, modificado). A partir de si, o da-sein, escolhe a si mesmo, na angústia. Aqui se manifesta a liberdade ontológica, poder-ser sua possibilidade mais originária; seu poder-ser mais próprio.

O da-sein do seu amanhecer ao seu entardecer está fadado a liberdade de ser ou não ser o que sempre é na sua propriedade ou improriedade. De escolher a si ou ser levado pela compreensão da cotidianidade mediana. O da-sein é liberdade; igualmente ele existe e morre; sempre e toda vez que é, é sempre ser livre.

Conclusão

A proposta de uma filosofia intranquila e de um retorno ativo as experiências originárias não se trata de um abandono de tudo que foi conquistado pelos antigos, mas de uma abertura do pensar humano de modo que tal pensar seja mais próprio e livre. Coisificar o ser do homem provoca uma dificuldade no exercício da sua liberdade ontológica; o homem decaído no mundo das ocupações que hoje abrange também a



tecnologia, vive o que lhe é dito como bom, havendo uma falsa sensação de autonomia que impede o homem de repetir e questionar o que lhe é posto como verdade; O dogma das ciências, hoje, arroga a si o direito de governar o mundo e desse modo assumir a cátedra da verdade.

Em Heidegger vemos uma insistência em manifestar como o homem, o ente privilegiado dotado de da-sein, pode tornar-se ontologicamente o seu poder-ser mais próprio; e no contexto do mundo da técnica e do espetáculo poderíamos a partir do seu questionamento, indagar: o homem moderno é livre? Vive sua possibilidade mais própria? Um jovem que tem seu humor diário definido pelo número de curtidas do seu *instagram* vive a sua possibilidade mais própria? Ou vive entregue, perdido no mundo das ocupações esquecido do seu ser e sem projeto existencial?

Uma senhora que dedica a maior parte de seu tempo ao whats app em conversas sobre o que se ouviu dizer; sobre o que alguém falou sobre outro alguém, vive uma vida na propriedade do seu ser ou está entregue ao falatório⁷ no mundo da impessoalidade da impropriedade esquecendo de seu ser e do sentido ontológico existencial de seu projeto de ser? Nos dois exemplos que citamos a pouco existe uma fuga de si e uma entrega demasiada ao mundo das ocupações.

O retorno as experiências originárias, expresso no parágrafo sexto de *Ser e Tempo* quando se propõe “um retorno positivo ao passado, no sentido de sua apropriação produtiva.” (HEIDEGGER, 1999, p. 50), não foi feito apenas na filosofia; na teologia Católica, sobretudo a partir do Concílio Vaticano II; buscou-se um retorno a experiência mais originária do cristianismo; o encontro do Cristo com a humanidade; tal busca de retorno a fonte do ser cristão tem como um dos seus maiores expoentes a encíclica *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco. Se Heidegger pergunta sobre o sentido do ser em sua forma mais originária, o cristianismo contemporâneo pergunta pelo sentido do ser cristão em sentido mais originário; o que são seus fundamentos? O que faz parte originariamente do ser cristão e quais os entulhos que precisam ser retirados a fim de que o ser cristão viva sua possibilidade mais própria: viver em Cristo; ser-em⁸ Cristo?

⁷ Em Heidegger falatório expressa um modo de ser que não se preocupa se o que se expõe tem fundamento sólido e muito menos se responsabiliza-se pelo que foi expresso. Neste modo de ser o ser do da-sein se move no ímpessoal.

⁸ Aqui fazemos alusão a um dos modos de ser do da-sein: Ser-em que fala de dois seres ontológicos que existencialmente coabitam um mesmo espaço existencial. Aqui o “em” não fala de uma compreensão
CADERNOS PET, V. 13 , N. 25 ISSN: 2176-5880



A busca da liberdade foi o fio condutor deste trabalho bem como o sentido de o mesmo ter sido feito. A teoria desligada de um sentido para o da-sein que a realiza contrariaria a própria proposta deste trabalho que tem como desejo contribuir para a compreensão sobre os limites da nossa liberdade; a responsabilidade de ser e de assumir seu projeto de ser; além de problematizar uma sociedade que “escolheu” a impessoalidade como modo predominante de ser.

Referências

- BIBLÍA de Jerusalém**, Nov. ed. rev. E ampl. 10 impr. São Paulo, Paulus, 2002.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 4.ed. Petrópolis: Vozes,1999.
- KAFK, Franz. **A Metamorfose**. São Paulo: Editora Vozes Ltda, 2018.
- WILDE, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray**. São Paulo: editora Landmark, 2012.

espacial simplesmente dada; todavia se diz de uma habitar. Na teologia Cristã o ser-em se manifesta quando no evangelho segundo João se diz: “Se Alguém me ama, guardará minha palavra e meu Pai o amará e a ele viremos e nele estabeleceremos morada.” Jo 14, 23.